



Revista de História e Estudos Culturais

Janeiro - Junho de 2022

Vol. 19 Ano 19 nº 1

www.revistafenix.pro.br

ISSN 1807-6971

10.35355/revistafenix.v19i1.980

MUITO ALÉM DA MEDALHA: GUILHERME PARAENSE – ENTRE O URBANO E O SUBURBANO

BEYOND THE MEDAL: GUILHERME PARAENSE – BETWEEN URBAN AND SUBURBAN

Victor Melo *

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

<https://orcid.org/0000-0002-1983-1475>
victor.a.melo@uol.com.br

Victor Almeida **

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

<https://orcid.org/0000-0003-2941-0284>
vitor.historia88@gmail.com

RESUMO: Guilherme Paraense foi o primeiro brasileiro a ganhar uma medalha de ouro olímpica (Antuérpia, 1920). Para além de breves referências biográficas esparsas, pouco se sabe sobre sua vida, até mesmo sobre sua carreira vitoriosa. Este estudo tem por objetivo discutir sua trajetória, com ênfase na sua capacidade de transitar pelas regiões do Rio de Janeiro. Ao final, percebemos que promoveu conexões entre as experiências urbana e suburbana, uma postura interessante para melhor entendermos a dinâmica social da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: História do Esporte; História do Rio de Janeiro; tiro; subúrbio.

ABSTRACT: Guilherme Paraense was the first Brazilian to win an Olympic gold medal (Antwerp, 1920). Apart from sparse brief biographical references, little is known about his life, even about his victorious career. This study aims to discuss his trajectory trying to understand how he moved between different regions of Rio de Janeiro. In the end, we realized that he promoted connections between urban and suburban experiences, an interesting posture to better understand the social dynamics of the city.

KEYWORDS: Sport History; Rio de Janeiro History; shooting; suburb.

* Professor Titular da UFRJ onde atua no Programa de Pós-Graduação em História Comparada/Instituto de História e no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, onde também leciona na graduação.

** Mestrando em História Social - PPGHS - UERJ/FFP.

Cabelos cor de prata, longas barbas e bigodes, olhos vivos, semblante alegre, Guilherme Paraense inspira respeito e admiração, nos seus setenta anos de existência. (...). Quem é Guilherme Paraense?
(AMARAL; PINHEIRO, 1956, p. 6).

A cada edição dos Jogos Olímpicos, seu nome surge nos jornais, revistas, redes de televisão e sítios da internet. São contadas à exaustão as histórias da aventura de 1920, quando conquistou, na Antuérpia, na competição de tiro, a medalha de ouro olímpica. Não é para menos. Guilherme Paraense foi o primeiro atleta brasileiro a lograr esse destaque internacional, sendo, por décadas, até o triunfo de Ademar Ferreira da Silva (Helsinque, 1952), o único do país detentor da glória máxima naquele que é, juntamente com a Copa do Mundo de Futebol, um dos mais importantes eventos esportivos mundiais.

Figura 1. Guilherme Paraense/1920.



FONTE: O Paiz, 5 ago. 1920, p. 6.

Guilherme Paraense está longe de ser um desconhecido. Seu feito foi e tem sido celebrado das mais diversas formas: é nome de ginásio em Belém do Pará, cidade em que nasceu, e de ruas em Manaus e São Paulo; foi retratado em selo; denomina estandes diversos, inclusive alguns importantes, como o do Centro Nacional de Tiro Esportivo; é lembrado na designação de clubes da modalidade; recebeu muitas homenagens no decorrer da sua longa vida – faleceu em 1968, com mais de 80 anos.

Já na década de 1940, o cronista do Mundo Esportivo registrou: “Muitos esportistas, possivelmente, jamais terão assistido a uma competição de tiro. Não há um,

porém, que desconheça o nome de nosso glorioso campeão olímpico” (OS PRIMEIROS..., 1947, p. 14). Mesmo depois das notáveis vitórias de Ademar Ferreira da Silva – que ganhou de novo a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Melbourne (1956), o feito de Paraense não foi esquecido.

Foram, aliás, promovidos encontros entre ambos, celebrações dos personagens representados como heróis da nação. Várias foram as matérias sobre a confraternização dos campeões. Até mesmo um programa sobre o tema foi levado ao ar na TV Tupi do Rio de Janeiro (O JORNAL, 1956, p. 18)¹.

Figura 2. Ademar Ferreira da Silva e Guilherme Paraense.



FONTE: O Jornal, 21 dez. 1956, p. 18.

A despeito de seu renome, para além de breves referências biográficas esparsas, pouco se sabe sobre sua vida, mesmo sobre sua carreira vitoriosa de atirador esportivo para além da conquista da medalha olímpica. Se tivermos em conta a projeção social de Afrânio Costa, seu companheiro de equipe, também um atleta vitorioso, inclusive nos Jogos Olímpicos de 1920, podemos perceber a diferença de abordagem.

¹. Posteriormente, foi também promovido um encontro com Maria Esther Bueno, por ocasião de suas conquistas em Wimbledon.

Figura 3. Afrânio Costa/1920.

FONTE: O Paiz, 5 ago. 1920, p. 6.

É verdade que Afrânio teve uma reconhecida carreira na área jurídica, chegando a ser ministro do Tribunal Federal de Recursos, correspondente ao atual Supremo Tribunal de Justiça, e do Tribunal Superior Eleitoral. Mas seria essa uma justificativa suficiente para que se saiba tão pouco sobre Paraense?

Talvez esse baixo interesse por outros aspectos da trajetória de Paraense nos diga mais sobre o Rio de Janeiro do que poderia a princípio aparentar. Afrânio era um membro das elites, frequentador de círculos prestigiosos, morador das regiões economicamente privilegiadas da cidade. Guilherme era de uma família modesta, residente dos subúrbios que viu na carreira militar uma possibilidade de ascensão social².

Em algum momento, em função das habilidades e interesses esportivos, esses dois personagens se encontraram e tiveram uma trajetória em comum, algo que nos permite perceber os trânsitos que sempre houve no Rio de Janeiro, ainda que o processo de constituição dos subúrbios tenha sido marcado por muitos estigmas (FERNANDES, 1995), representações de que se tratava de uma área caracterizada pelo oposto do que seria a região central que, nas décadas iniciais do século XX, passou por reformas urbanas entabuladas com o intuito de explicitar a adesão a parâmetros de civilização e progresso inspirados em países ditos mais avançados (ABREU, 1987).

À exceção daqueles que ocuparam cargos parlamentares/governamentais ou foram homens de negócios, nem sempre se dedica atenção às lideranças suburbanas, como

² Muitos foram os pesquisadores que abordaram o tema da relação entre ascensão social e a carreira no Exército. Entre outros, ver Castro (2002).

foi o caso de Guilherme Paraense³. Sua atuação em distintos âmbitos permite-nos lançar um olhar para uma região da cidade que tem sido menos considerada tanto nas investigações quanto nas políticas públicas em geral (MACIEL, 2010).

Tendo em conta esse debate inicial, este estudo tem por objetivo discutir a trajetória de Guilherme Paraense, com ênfase na sua capacidade de transitar pelas diversas regiões do Rio de Janeiro. Como fontes, foram utilizados periódicos publicados em todos estados do Brasil. Tal escolha se deu porque nos interessou a representação pública do personagem, algo que alcançou o território nacional em função da magnitude de sua mais notória conquista. Como foi encarado pela imprensa? Como seu percurso foi noticiado? Que informações de sua vida foram noticiadas?

Vale lembrar que Guilherme Paraense morou em bairros que se encontravam no meio do caminho entre as zonas urbana e suburbana: Inhaúma (Rua Possolo), Cachambi (Avenida Suburbana e Rua Basílio de Brito) e Méier (Rua Visconde de Tocantins). Nada mais simbólico para alguém que transitou pela cidade⁴.

No subúrbio, Guilherme logrou certo reconhecimento. Casado com Belina de Carvalho Paraense, ainda que não fizesse parte da elite do Rio de Janeiro, suas notícias familiares frequentemente eram veiculadas nos periódicos. Por exemplo, os jornais anunciaram quando um de seus seis filhos, Oneron, foi batizado na Basílica do Sagrado Coração de Maria (NOTAS...,1920), no Méier, mesma igreja onde se realizou, décadas depois, sua missa de sétimo dia (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1968). Da mesma forma, o aniversário de 12 anos de uma de suas filhas, Oysis, mereceu destaque⁵ (O RADICAL, 1938).

Guilherme Paraense nasceu em 1884 ou 1885, chegando ao Rio de Janeiro, não sabemos por qual motivo, na transição das décadas de 1880 e 1890. Foi aluno do Instituto Profissional João Alfredo, antigo Instituto dos Meninos Desvalidos, instituição na qual estudaram, segundo um cronista, “tantos outros que hoje fulguram, saíram do meio desfavorecido, mas honesto, e são hoje vivos exemplos de abnegação” (GENTE...,1918, p. 1)⁶.

³ Mais recentemente, há também maior reconhecimento da importância de personalidades da música, especialmente dos ritmos considerados populares, caso do samba.

⁴ Durante décadas, desde o recenseamento de 1890, a cidade foi dividida em zonas urbana e suburbana, sendo a Freguesia do Engenho Novo e depois o Distrito do Méier as regiões de fronteira (MIYASAKA, 2016). Sobre o conceito de subúrbio no caso do Rio de Janeiro, ver Guimarães e Davies (2018).

⁵ Sobre seus filhos e netos, ver Amaral e Pinheiro (1956).

⁶ Sobre o Instituto, ver Souza (2013).

Em 1901, recebeu autorização para se matricular na Escola Preparatória e Tática do Realengo (NOTAS...,1901)⁷. Como era usual naqueles tempos, no decorrer da década, os resultados de algumas das disciplinas que cursou foram publicados nos jornais. Não se pode dizer que foi um aluno brilhante. Constantemente, foi aprovado, mas, em geral, com uma outra exceção, não com notas de destaque.

Em 1907, já vemos seu nome veiculado como aluno da Escola de Guerra do Rio Grande do Sul (MANIFESTO...,1907)⁸, onde teve trajetória semelhante a de Realengo: sempre aprovado, mas nunca com grande distinção. Em 1911, como aspirante, retornou ao Rio de Janeiro, atuando no 2º Batalhão de Artilharia. Logo, tornou-se instrutor do Tiro Brasileiro 96, localizado na Pavuna, onde começou a praticar a modalidade que o consagrou.

Paraense teve uma longa carreira militar, ocupando diversos postos em várias cidades, alguns de certa importância. Todavia, se destacou mesmo por sua trajetória esportiva. Na transição dos anos 1920 e 1930, tornou-se também conhecido por sua longa barba. Várias são as crônicas com comentários jocosos sobre essa que se tornou uma marca pessoal. A essa altura, comandava um Regimento de Infantaria que chegou a entrar em combate com a Coluna Prestes (personagem com o qual, aliás, Guilherme era usualmente confundido). A nota chistosa é que o campeão de tiro se mostrou péssimo atirador de combate (O CAMPEÃO..., 1929). Era mesmo mais um atleta do que qualquer outra coisa.

Quando não mais participava de competições de tiro, tampouco era dirigente de agremiações esportivas, tornou-se um dos destaques do grupo de escoteiros do Instituto Paim Pamplona, sediado no Méier (ESCOTISMO..., 1938). Assumiu o cargo de vice-presidente de uma iniciativa que lhe mantinha próximo de algumas regularidades de sua vida: o militarismo, o esporte, as intervenções educacionais dedicadas à juventude, a inserção e desenvolvimento da zona suburbana⁹.

A despeito de ter sido, à época, importante personagem do movimento escoteiro do Rio de Janeiro (OS ESCOTEIROS...1938), essa ocorrência não é lembrada, como outras de sua trajetória, inclusive as iniciativas que liderou na Zona Sul. Quantos líderes em geral, ainda mais dos subúrbios, não foram relegados ao esquecimento ou ao não reconhecimento mais amplo de suas ações?

⁷ Essa instituição oferecia ensino secundário e era exigida para os que desejassem se tornar oficiais do Exército, uma formação de nível superior na época concentrada na Escola Militar da Praia Vermelha (VIANA, 2009).

⁸ Em decorrência dos episódios da Revolta da Vacina, alunos da Escola Militar da Praia Vermelha foram transferidos para a Escola de Guerra de Porto Alegre, que funcionou entre 1905 e 1911.

⁹ Sobre as relações entre o esporte e o escotismo, ver Herold Júnior e Melo (2018).

Essa questão nos remete a um antigo debate: o papel dos indivíduos na história. Segundo Viana (2013, p. 118):

Para alguns, os indivíduos – especialmente os chamados “grandes homens”, os “gênios”, os “heróis”, os “rebeldes”, os “inovadores” – possuem um papel determinante na história, enquanto que, para outros, possuem um papel relevante, importante. Outros, ao contrário, consideram que o indivíduo é mera manifestação de forças impessoais, seja a razão, a cultura, a sociedade etc. Alguns ainda reconhecem um certo papel de influência do indivíduo no processo histórico, embora, de acordo com as grandes tendências históricas, ficando numa espécie de posição intermediária.

Não nos interessa nesse momento entrar em debate tão profícuo¹⁰. Preferimos apontar diretamente uma perspectiva para interpretar a trajetória de Guilherme Paraense:

A grande questão é que o papel do indivíduo na história é mais ou menos influente dependendo de um conjunto de determinações, entre as quais, a qual classe pertence o indivíduo e que situação social de conflitos de classes está estabelecida e qual sua inserção nesse contexto; a qual fração da classe pertence; quais são as forças sociais em ação e como ele se relaciona com elas, bem como diversas outras determinações. Mas o indivíduo, uma vez formado, possui uma autonomia relativa. O seu grau de autonomia depende da época, sociedade e posição desse indivíduo no seu interior. Assim, determinada forma de singularidade individual aumenta ou tende a aumentar a autonomia relativa do indivíduo, enquanto que outra forma tende a diminuir (VIANA, 2013, p. 120).

Guilherme estava no meio do caminho entre as experiências urbana e suburbana. Era uma liderança local que tinha relações com as elites da cidade. Sua trajetória nos parece bem interessante para melhor entendermos a dinâmica social da outrora capital da República.

GUILHERME PARAENSE – ENTRE O URBANO E O SUBURBANO

Quanto à emoção, devo dizer, leal e honestamente que não foi tanta. Eu já estava tão acostumado a vencer que não me preocupei com os acontecimentos. (...). Mas quando a banda executou o hino nacional a bandeira subiu ao mastro por causa da façanha por mim realizada, ai sim, a pele de meu corpo ficou toda eriçada¹¹.

¹⁰ Debates interessantes sobre o tema podem ser encontrados em Priore (2009), Misiak (2012) e Kosik (2014).

¹¹ Guilherme Paraense comentando a conquista de 1920 (JORNAL DOS SPORTS, 1964, p. 8).

O tiro esportivo é uma modalidade que tem um desenvolvimento peculiar por envolver mais intensamente interesses estatais relacionados a uma preocupação que cresceu depois da Guerra do Paraguai: a defesa nacional. Não por acaso, na sua estruturação, ainda que não exclusivamente, houve a participação de muitos militares.

No Rio de Janeiro do século XIX, a prática, durante muito tempo, se resumiu a uma atração ofertada em feiras, centros de entretenimento e parques de diversão (MELO, 2020)¹². Somente na década final da centúria, em 1899, surgiu uma iniciativa que contribuiria mais efetivamente para a estruturação da modalidade, o Tiro Nacional, cujo estande se localizava no Palácio Guanabara. O intuito da instituição era oferecer instruções para militares e civis mais abastados que tinham condições de arcar com os custos de armamento e munição (GONZALES, 2008).

No âmbito civil, ainda que também contando com a participação de militares, inclusive supervisão do Estado Maior do Exército, nos anos iniciais do século XX, tanto antigas agremiações passaram a se envolver com o esporte quanto surgiram as primeiras sociedades dedicadas à modalidade, como o pioneiro Clube de Tiro Federal, criado em 1906, (MELO; SANTOS JUNIOR, 2020). Nesse mesmo ano, por iniciativa do ministro Hermes da Fonseca e ligada ao Ministério da Guerra, foi fundada a Confederação do Tiro Brasileiro.

De outro lado, também nos anos iniciais do século XX, foi importante para o desenvolvimento da modalidade a criação dos Tiros de Guerra, instituição que pretendia dar formação para que civis pudessem se engajar em esforços de defesa da nação, núcleos que depois serviram para a prestação de serviço militar obrigatório (PINTO, 2015).

Com natureza semelhante, a partir da transição das décadas de 1900-1910, surgiram muitos Tiros Brasileiros, curiosas agremiações que envolviam civis e membros das forças armadas, de associação livre, com o objetivo de dar formação militar ampla, seus membros assumindo responsabilidades de contribuir com a segurança do país quando convocados. Como se afirmou em certa ocasião, o intuito era ver “realmente eficiente nossa mocidade dos tiros” (NO CLUBE..., 1919, p. 3), disseminando-se uma prática que tinha em conta “a defesa nacional”.

Em geral, os Tiros Brasileiros contavam com oficiais do Exército na condição de diretor e instrutor. Frequentemente, promoviam competições. Eram tantas que se chegou a

¹² Em outras cidades, notadamente da região Sul do país, a modalidade foi usual em algumas agremiações de estrangeiros. Ver, por exemplo, Assmann (2015).

articular um calendário para que as datas não se chocassem. Em todas essas ocasiões, havia um explícito tom patriótico.

No Rio de Janeiro, os primeiros núcleos parecem ter surgido em 1909, no Leme (SPORT...,1908) e em Laranjeiras – o antigo Clube de Tiro Federal que se transformou em Tiro Brasileiro Federal. No ano seguinte, em vários bairros, inclusive do subúrbio, foram criadas agremiações semelhantes, entre os quais, na Pavuna, o Tiro 96¹³, cujo cargo de instrutor foi assumido por Guilherme Paraense, em 1911¹⁴.

Paraense foi um dos responsáveis por tornar o Tiro 96 um dos mais dinâmicos da cidade, ministrando instruções, organizando provas (algumas de grande porte e repercussão pública), tomando parte em competições nas quais, a princípio, não se destacou. Recém começara a praticar a modalidade e sequer representava a agremiação nos concursos nos quais era restrito o número de inscritos. Àquela altura, já demonstrara pendor para outros esportes: esgrima, equitação, atletismo e futebol.

De fato, Paraense não tardou a lograr bons resultados. Obteve sua primeira vitória numa competição promovida em novembro de 1911, na prova de 25 metros para revólver (INSTRUÇÃO..., 1911c), da qual se tornou costumeiro vencedor. Vale lembrar: sua medalha de ouro nos Jogos Olímpicos da Antuérpia foi conquistada na prova de pistola rápida de 30 metros.

Numa classificação de atiradores, publicada em fevereiro de 1912, Guilherme foi considerado 2ª classe no fuzil (3ª categoria, abaixo de mestre e 1ª classe) e 3ª classe no revólver (INSTRUÇÃO...,1912a). Em abril, contudo, já competia na categoria de 1ª classe e mestre (INSTRUÇÃO militar...,1912b). Quando foi organizado o Campeonato de Tiro da Confederação, Paraense entrou na disputa como o 17º de 29 dos melhores atiradores do país (TIRO...,1912). Um excelente resultado para um iniciante.

Em 1913, Paraense mudou de unidade militar e tornou-se competidor do Tiro Brasileiro do Leme. É muito provável que tenha sido convidado por seu desempenho cada vez mais notável. Guilherme começava a transitar pela cidade e se relacionar com outros âmbitos do campo esportivo. Sua participação ampliou-se também no que tange à arbitragem, preparação de provas, cargos de direção.

¹³ Tendo, a princípio, uma sede improvisada, em 1911, o Tiro 96 foi transferido para a Rua João Vicente, próximo à estação férrea de Madureira (INSTRUÇÃO..., 1911a).

¹⁴ O diretor de tiro era o capitão Aureliano Reis. O presidente da agremiação era o Dr. Joaquim Tavares Guerra – banqueiro, membro de uma família tradicional da Baixada Fluminense, secundado pelo Dr. Domingos de Gusmão Gil, proprietário de estábulos e comerciante de produtos derivados do leite (INSTRUÇÃO..., 1911b).

Por suas habilidades, o morador do subúrbio começou a superar certas barreiras de classe e participar de círculos prestigiosos da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Não temos evidências do grau de aceitabilidade e frequência. É possível que se tratasse de situações ocasionais, relacionadas apenas aos eventos da modalidade (competições, reuniões de diretoria, recepções e cerimônias festivas). De toda forma, algum trânsito é possível estipular.

Suas vitórias, a propósito, também em decorrência desses novos trânsitos pela cidade, passaram a extrapolar as fileiras militares. Entre os “campeonatos civis” nos quais participou, destaca-se a conquista do concurso promovido pela Confederação do Tiro Brasileiro em 1914 (CONFEDERAÇÃO..., 1914). Foi a primeira de muitas semelhantes que teria no decorrer da década.

Tendo se tornado uma figura de destaque da modalidade, não surpreende que, nesse mesmo ano de 1914, tenha sido um dos fundadores, dirigentes e atletas de uma das mais importantes agremiações dos primórdios do tiro nacional: o Revólver Clube, cujo estande foi instalado na Fonte da Saudade, na Lagoa Rodrigo de Freitas, na época ainda pouco habitada. Paraense assumiu o cargo de 2º secretário da diretoria inicial (INSTRUÇÃO..., 1914). Foi o único morador do subúrbio a integrar a iniciativa.

Tratou-se de uma sociedade esportiva muito bem estruturada, liderada por Alberto Pereira Braga, um dos pioneiros da modalidade no Brasil, membro da delegação brasileira que disputou torneios na Argentina em 1910 e 1912. Pela lista de sócios, percebe-se o porte da agremiação. Ainda que a presidência tenha sido exercida por um militar, o major Bernardo de Oliveira, era formada majoritariamente por civis pertencentes a grupos influentes da cidade (REVOLVER..., 1914).

Os eventos contavam sempre com a presença de personagens eminentes, inclusive da política, como ministros e mesmo o presidente da República. Hermes da Fonseca, aliás, deu o tiro inaugural da agremiação. Seus campeonatos se tornaram dos mais importantes da cidade e do Brasil. Como bem percebeu um cronista, o clube reunia “em seu estande o que há de mais seleta em nossa sociedade, sendo, além de um ponto de agrupamento esportivo, um ponto *chic* de reunião” (TIRO..., 1916, p. 6). O suburbano Guilherme passou a frequentar espaços distintos dos quais estava acostumado a transitar, eventos para os quais provavelmente não seria convidado se não fosse sua excelência esportiva.

Figura 4. Imagens do Campeonato do Revólver Clube; Paraense no lado esquerdo inferior.



FONTE: Fon Fon, 14 jul. 1917, p. 27.

Perceba-se que o Revolver Clube era mais restrito do ponto de vista da modalidade, mormente dedicado ao revólver e à pistola, não tanto ao fuzil como era comum nos Tiros de Guerra e Tiros Brasileiros. Não tinha a intenção de oferecer instrução militar, era uma agremiação esportiva propriamente dita. E lá estava Paraense, que superava uma barreira de classe fundamentalmente por sua performance. Não era mais somente o militar designado para cumprir a função de instrutor. Tornara-se um ilustre convidado.

Depois de ter vencido os campeonatos anuais da Confederação de 1914 e 1915 e os do Revolver Clube de 1916 e 1917, um cronista assim se referiu a ele: “um dos nossos mais notáveis atiradores (...); a calma extraordinária que vem demonstrando (...) elevam-no à categoria de atirador de primeira linha” (TIRO..., 1917, p. 8). Além disso, foi um dos líderes da reorganização do Tiro Brasileiro do Leme, o que fortaleceu sua presença na Zona Sul.

Esse novo trânsito não significou que tenha abandonado as iniciativas dos subúrbios. Paraense atuou constantemente em quartéis da região, em muitas ocasiões na condição de instrutor. Há que se ter em conta que nesse âmbito havia experiências com o tiro esportivo, especialmente nas unidades da Vila Militar. No bairro, foi criado, inclusive, o primeiro núcleo feminino da modalidade, o Grupo das Atiradoras, integrado por esposas e filhas de oficiais do Exército¹⁵.

¹⁵ Foge ao escopo desse estudo, mas vale observar que foi crescente a participação de atiradoras nos certames. Em determinada ocasião, se ressaltou tal participação como sinal de que cada vez mais as

Além de constantemente competir nas provas no subúrbio organizadas, Paraense tornou-se, em 1918, presidente de um novo Tiro Brasileiro fundado em Jacarepaguá. Efetivamente foi um dos atiradores que mais participou e obteve bons resultados nos muitos campeonatos promovidos pela cidade – em quartéis, Tiros Brasileiros, Tiros de Guerra, clubes civis. Por causa de seu envolvimento com a modalidade, Guilherme transitava por toda a cidade, tornando-se progressivamente reconhecido.

Isso não significava ganho financeiro direto para Paraense, ainda que, em muitas ocasiões, tenha recebido bons presentes por suas vitórias, tais como relógios e botões de ouro, canetas de valor, cigarreiras de prata, entre outros. O que obteve mesmo foi um crescente prestígio em ambas as zonas – urbana e suburbana. Os jornais registraram fartamente suas andanças num momento em que os antigos arrabaldes tornaram-se mais visíveis na cidade, até mesmo em função do crescimento populacional.

A conquista da medalha olímpica lançou em definitivo seu nome no panteão dos heróis nacionais. Sua vitória nos Jogos Olímpicos da Antuérpia foi fartamente comemorada. Elogios tornaram-se frequentes. Suas imagens foram em grande número publicadas nos periódicos.

Figura 5. Imagem de Guilherme Paraense na bandeira brasileira.



FONTE: O Imparcial, 5 ago. 1920, p. 9.

mulheres brasileiras amavam “os assuntos nacionais com o mesmo carinho com que amam o lar” (O NATAL..., 1919, p. 3).

As matérias davam conta da surpresa que foi a vitória de Paraense e o bom desempenho da equipe nacional, escolhida em competições realizadas em junho de 1920. Vale lembrar que não havia, como hoje, iniciativas de intercâmbio, ainda mais quando recém se encerrara a 1ª Grande Guerra. Além disso, foram muito deficientes as questões estruturais que cercaram o comparecimento da delegação brasileira, inclusive no que tange ao deslocamento e equipamentos.

Membros da equipe, entre os quais Guilherme, enviaram relatos dando conta desses problemas, mas também exaltando o bom comportamento da delegação nacional, não somente de tiro, como também das outras modalidades. Procuraram destacar que todos bem cumpriram o dever de representar o nome do país no exterior¹⁶. Esse foi, aliás, o tom geral da cobertura da imprensa.

Figura 6. Imagem de Paraense em competição



FONTE: Fon Fon, 7 ago. 1920, p. 32.

Muitos foram os votos de louvor à equipe de representantes da pátria que tinha, aos olhos dos periodistas e lideranças políticas, alçado a nação a uma glória inesperada. Celebrou-se intensamente a suposta boa imagem do Brasil e de seu povo no exterior veiculada¹⁷. De outro lado, também houve críticas à falta de investimentos e desorganização nacional¹⁸. Um cronista de *O Paiz*, ao comentar o desempenho de Guilherme Paraense e Afrânio Costa, assim se posicionou:

¹⁶ Ver, por exemplo: FUTEBOLO..., 1920.

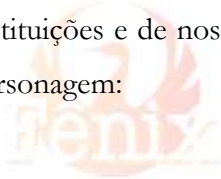
¹⁷ Ver, por exemplo, a crônica de Oscar Lopes (*A SEMANA...*,1920).

¹⁸ Afrânio Costa escreveu uma crônica narrando as dificuldades encontradas pela equipe nacional (*O BRASIL...*,1920a).

Ambos foram os causadores de um grande contentamento que desde ontem impera dentro da alma brasileira, numa grata harmonia de orgulho e vaidade, pois que, (...), com um fidalgo e altivo gesto, souberam pagar muito bem o prêmio que lhes deu a CBD, fazendo-os viajar em 3ª classe, como simples retirantes, quando eram os grandes e felizes embaixadores de uma grande missão patriótico-esportiva perante o estrangeiro (O BRASIL..., 1920b, p. 6)¹⁹.

No retorno ao Brasil, a equipe foi recebida até mesmo pelo presidente da República, Epitácio Pessoa. Por iniciativa do deputado Mario Hermes, Paraense recebeu cinco contos de réis “a título de auxílio para compra de munição para exercícios” (EM FAVOR..., 1920, p. 2)²⁰, bem como dois contos por ano enquanto mantivesse o título²¹. Instituíram-se também incentivos financeiros para campeonatos da modalidade que, mais do que nunca, tornara-se um tema de interesse do Estado. Agremiações receberam recursos para aperfeiçoar suas ações.

Um cronista asseverou que Paraense e Costa tinham se tornado “nomes populares em todo país” (O BRASIL..., 1920c, p. 1), considerados como expressões da “vitalidade, pujança e galhardia” do povo brasileiro, representantes da vigorosidade de nossas instituições e de nossa mocidade. Outro periodista resumiu bem a representação de nossa personagem:



www.revistafenix.pro.br

Guilherme Paraense representa hoje uma glória do Brasil inteiro, e não há espírito, por mais rude que seja, que não sinta sua alma de brasileiro vibrar, vibrar com intensidade, por ver novamente entre nós, glorificado, o grande brasileiro, aquele que tão alto soube elevar a nossa pátria no conceito das nações (O BRASIL..., 1920d, p. 8).

Um indicador curioso de sua popularidade é o fato de que os atiradores foram homenageados no sexto carro do préstito dos Tenentes do Diabo, no carnaval de 1921, apresentado com uma trova: “Guilherme Paraense e Afrânio Costa/Cada qual mais garboso pioneiro/Mostraram em olímpica resposta/Quanto é grande o valor dos brasileiros!” (CARNAVAL..., 1921, p. 5).

¹⁹ Em várias ocasiões, os cronistas criticaram a má organização da Confederação Brasileira de Desportos, a despeito de ter recebido subvenção governamental (ver, por exemplo: AS OLIMPÍADAS..., 1920). Alguns jornais acompanharam amiúde os momentos anteriores e embarque da delegação, publicando inclusive belas fotos da ocasião (ver, por exemplo, BRASIL..., 1920).

²⁰ Os outros membros da equipe receberam três contos de réis.

²¹ Paraense recebeu ainda dois contos de réis da Confederação Brasileira de Desportos, um valor maior do que o subsídio oferecido, em 1920, a quase todas as federações esportivas nacionais (BALANCETE..., 1921).

O morador da área urbana e o residente da área suburbana pareciam atados por seus desempenhos esportivos, algo que, contudo, tinha limites, não se extrapolava para outros cenários de reconhecimento, como viria a ter Costa, como vimos na introdução.

A vitória de Paraense e o bom resultado de Costa ecoariam por alguns anos em vários Estados, não somente na capital. A todo momento eram homenageados por entidades dos mais diferentes perfis, especialmente pelas esportivas e aquelas de cariz cívico, como a Liga da Defesa Nacional.

Com isso, a bordo de seu reconhecimento, Guilherme passou a circular ainda mais por toda cidade, inclusive frequentando mais amiúde as altas esferas da cidade, tornando-se um ídolo nacional num momento em que houve grande valorização do esporte, considerado como um “meio de se conseguir a educação física, tão necessária quanto a moral e a intelectual que dependem, precipuamente, da higidez corporal” (OS ESPORTES..., 1921, p. 2), como um “fator condigno para a elevação da raça”.

Ao contrário do que se podia esperar, depois de 1920, Paraense não se manteve tão ativo nas competições. Um dos motivos talvez tenha sido o fato de ter se deslocado para São Paulo, assumindo a função de ajudante de ordens do Comandante da Região Militar, General Abílio de Noronha. Promovido a 1º tenente, com prestígio, seu nome foi aventado para cargos técnicos relacionados ao tiro (O TENENTE..., 1921). Todavia, acabou mesmo transferido, a despeito de pedidos vários, inclusive da Liga de Defesa Nacional, para que permanecesse no Rio de Janeiro.

Não houve jeito. Nesse caso, e em alguns aspectos, sua condição profissional acabou por se constituir em agente limitador de sua carreira esportiva, ainda que também tenha sido uma impulsionadora. Vejamos que mesmo afastado das provas, Paraense brilharia em mais algumas ocasiões, em especial quando venceu o campeonato de revólver promovido no âmbito dos Jogos Olímpicos Latino-Americanos, organizados, em 1922, em conjunto com a Exposição Universal realizada para celebrar o centenário da independência brasileira.

Assim como possibilitara seus trânsitos pela cidade, em decorrência dos bons resultados em 1922, uma vez mais seu envolvimento esportivo tornou-se um diferencial em sua trajetória. Em 1924, retornou ao Rio de Janeiro, nomeado pelo Ministério da Justiça como instrutor de tiro da Polícia Militar do Distrito Federal (NOMEAÇÕES..., 1924).

Perceba-se que Paraense não compareceu aos Jogos Olímpicos de Paris, realizados em 1924, a despeito de ter sido pré-selecionado sem necessidade de disputar as eliminatórias. Na verdade, sua participação não ocorreu por falta de organização das

entidades esportivas brasileiras, o que desapontou muitos cronistas que alimentaram a expectativa de mais uma vitória, boa parte deles críticos à falta de apoio governamental (O NOME..., 1924).

Em 1928 (Amsterdã), sequer se aventou o envio de uma delegação nacional. Para as Olimpíadas de 1932 (Los Angeles), contudo, de novo se gestaram expectativas de que poderia comparecer uma grande representação brasileira de diversas modalidades, entre as quais o tiro. Vários periódicos lembraram as conquistas de 1920, e Paraense foi citado como possível integrante do time olímpico.

Não foi, contudo, selecionado para uma equipe que não logrou sucesso. Na verdade, foi bastante confusa a participação da delegação nacional no evento, o que, junto com a falta de bons resultados, desencadeou muitas críticas da imprensa que sempre lembrava da conquista de Paraense. O periodista do Diário Carioca cravou uma sensação geral: “Por que o governo não se interessa pelo esporte brasileiro?” (DIÁRIO CARIOCA, 1932, p. 6).

No decorrer dos anos, conformou-se algo que se observa até os dias de hoje, já citado na introdução. Quando havia competições de tiro ou chegava a época de Jogos Olímpicos, o nome e as imagens de Paraense eram recuperadas pelos periódicos. Ele se tornou uma inspiração, lembrança de um suposto momento áureo, comprovação de que era possível obter bons resultados internacionais, estímulo para a cobrança de investimento no desenvolvimento esportivo nacional.

Por vezes, alguém sugeria que estava esquecido o velho campeão olímpico. De fato, essa não é a impressão que nos passa. Todavia, pouco se falou de outros aspectos de sua vida esportiva, bem como de sua longa trajetória como líder de iniciativas suburbanas. Dedicuemo-nos a discutir essa outra faceta menos conhecida de Guilherme Paraense.

Em março de 1912, vários jornais do Rio de Janeiro anunciaram mais um baile promovido pelo Grêmio Róseo, cuja sede se localizava na Rua Carneiro de Campos, no bairro de São Cristóvão. Tratava-se de uma agremiação social que gozava de prestígio na zona suburbana. Entre os notórios nomes dos presentes citados, se encontrava o do aspirante Guilherme Paraense (FESTAS..., 1912). Nosso personagem central desde cedo se envolvia com a vida associativa do subúrbio, mas ainda demoraria alguns anos para que assumisse uma função de liderança.

Em 1917, Paraense se associou a outro tradicional clube dos subúrbios, o Mackenzie, sediado no Méier. Morador do Cachambi, a essa altura já estava envolvido com a Liga Suburbana de Futebol, a mais prestigiosa da zona, a segunda mais importante do Rio

de Janeiro. Atuava na condição de representante do Cascadura Futebol Clube, do qual também era sócio (LIGA..., 1918a). Perceba-se sua múltipla vinculação.

Pelos jornais, se percebe que paulatinamente Guilherme atuou mais intensamente nas atividades da Liga. Em 1918, foi escolhido como membro do Conselho. No ano seguinte, tornou-se presidente da entidade. Além disso, tinha grande inserção na Associação Atlética Suburbana, representando o Irajá Atlético Clube (LIGA..., 1918b). Paraense frequentava eventos da Zona Sul, mas sem jamais abandonar o subúrbio. Mesmo com as limitações profissionais e de classe, transitava pelos dois mundos.

Ao assumir cargos diretivos, Paraense passou a transitar ainda mais por bairros da zona suburbana da cidade. Tornou-se uma liderança reconhecida por seu dinamismo. Sua presença era esperada nos mais importantes festivais esportivos e iniciativas que envolviam os clubes da região. Ao mesmo tempo, entretanto, cresceram as críticas a sua forma de presidir, para alguns marcada por certo autoritarismo (VIDA..., 1919).

As contestações a Guilherme não se resumiram a sua atuação na Liga, mas também a sua presidência no Cascadura Futebol Clube, cargo para o qual foi eleito em 1919. Um associado chegou a sugerir que desistisse do mandato (COISAS..., 1919). Vale observar que, nesse mesmo ano, se tornou sócio do Mavillis por convite da diretoria da agremiação.

Aparentemente, tanto no Cascadura quanto na Liga foram semelhantes as ações polêmicas de Paraense. De um lado, facilitou o processo de filiação, tendo em vista aumentar a representatividade (LIGA..., 1919). De outro, tornou mais rigorosos os regulamentos, o que o indis pôs com antigas lideranças, sendo mesmo chamado de Kaiser, de forma pejorativa (VIDA..., 1919b). Claramente, se inspirava nos arranjos dos clubes mais nobres da cidade, buscando com eles também dialogar.

As crises envolvendo Paraense tiveram manifestações ambíguas. De um lado, foi afastado do Cascadura, cercado de denúncias a seu comportamento. De outro, o Mavillis promoveu intensas louvações ao seu novo associado. Mais homenagens ainda fez o Frontin Futebol Clube, do qual era presidente, o primeiro, aliás.

A Liga Suburbana, da qual se licenciara para participar dos Jogos Olímpicos, também o homenageou intensamente com um extenso programa de festividades (TODOS..., 1920). A essa altura, graças à atuação de Guilherme, a entidade tornara-se uma subliga da prestigiosa Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Uma vez mais, procurava fazer uma ponte entre as experiências urbana e suburbana, desejando que as realizações dos antigos arrabaldes fossem reconhecidas pelas áreas mais nobres da cidade.

No caso da Liga, foram largamente reconhecidos pela imprensa os avanços, sua melhor estruturação e maior acuidade às coisas do subúrbio, em boa parte das vezes um progresso atribuído a “seu incansável presidente Guilherme Paraense, campeão de tiro” (A IMPONENTE..., 1919, p. 4). O líder suburbano usava sua vitoriosa trajetória esportiva, sua experiência e seus contatos para dar visibilidade à entidade representativa de uma parte importante dos clubes dos arrabaldes da cidade.

Ainda assim, em 1921, foi destituído da presidência (PARAENSE..., 1921). Suas decisões se chocaram com antigas lideranças das agremiações que argumentaram que criava tumultos no funcionamento da entidade (A GRANDE..., 1921). Além disso, tentou prolongar seu mandato na presidência sem uma eleição formal.

No caso desses conflitos, houve grande repercussão pública já que a Liga Metropolitana interviu na subliga a partir de denúncia de Paraense acerca da irregularidade do processo eleitoral. O debate apontava para um certo incômodo da intervenção do Centro nas decisões do subúrbio, desconsiderando suas decisões. À busca de criar conexões, o líder também gerou dissensões.

A propósito, perceba-se como o subúrbio não era monolítico, havendo fraturas que merecem ser reconhecidas, decorrências mesmo de diferentes concepções e projetos para o desenvolvimento da região. Sem negar as oposições que havia entre as zonas urbana e suburbana, note-se como a cidade era e é muito mais complexa.

Depois dos conflitos na Liga Suburbana, Paraense ficou algum tempo afastado de cargos diretivos, retornando, em 1926, como presidente da Liga Gráfica de Esportes (LIGA..., 1926), uma entidade que reunia, a princípio, agremiações ligadas a órgãos de imprensa, mas que, no decorrer do tempo, foi acolhendo outros clubes de bairros suburbanos. Guilherme foi convidado a assumir o cargo exatamente num momento em que mudava de perfil a instituição.

Como ocorrera no momento em que liderava a Liga Suburbana, Guilherme promoveu grande expansão da entidade, procurando sempre uma articulação entre as iniciativas dos subúrbios, bem como interlocuções com a região central da cidade. A propósito, em 1927, Paraense retornou ao Conselho Superior da Liga Metropolitana (OS NOVOS..., 1927).

Junto com outras lideranças dos clubes, chegou a fazer uma convocatória pública enumerando os problemas ocasionados pelas divisões e dispersões das entidades suburbanas, conclamando a uma união dos esforços do que denominava “pequenas ligas”. Segundo seu olhar, tal articulação tornaria mais “fácil a obtenção de inúmeras vantagens

que irão trazer vultuosos benefícios a cada uma delas quer por intermédio das autoridades municipais quer federais” (DIVERSAS..., 1926, p. 4).

Mesmo que não lograsse alcançar tal intuito, de novo Paraense alçou seu nome a importante e reconhecida liderança do subúrbio. Clubes diversos novamente passaram a celebrar a presença daquele que foi um dos responsáveis por dinamizar parte relevante da vida agremiativa da zona suburbana. Em 1928, a Liga Gráfica o homenageou por suas grandes contribuições ao desenvolvimento da entidade (FESTA..., 1928).

Paraense tornou-se também reconhecido no Centro/Zona Sul por essa atuação no subúrbio, para além do já citado envolvimento com o tiro. A propósito, disputou provas por muitos clubes daquela região, entre os quais o Fluminense e o Flamengo, bem como outros da zona suburbana, como o São Cristóvão.

Durante décadas, seguiu transitando entre os dois mundos, gerenciando as ambiguidades dessa dupla vinculação às zonas urbana e suburbana. Na verdade, era um único mundo, o Rio de Janeiro, cidade complexa, partida, mas conectada, como bem demonstra a trajetória de Guilherme Paraense.

CONCLUSÃO

Graças a sua performance esportiva, Guilherme Paraense forjou uma trajetória que transitou entre as zonas urbana e suburbana do Rio de Janeiro, promovendo articulações, mas também dramatizando as tensões. Obviamente que, para tal, usava seu prestígio. Vale citar que, em 1925, em concurso promovido pelo periódico Fon Fon, denominado “Os maiores brasileiros vivos”, na categoria “esporte”, ficou em 2º lugar, atrás somente de Arnaldo Guinle, na frente, inclusive, de todos os jogadores do já muito popular futebol (CONCURSO..., 1925, p. 29).

Manteve constantemente relações com Afrânio Costa, seu parceiro, um de seus principais adversários e mais atuantes artífices da estruturação do tiro esportivo brasileiro, fundador e primeiro presidente da Confederação Brasileira de Tiro ao Alvo, criada em fins na década de 1940. Esse personagem era sempre lembrado por suas realizações, mas também por ser “companheiro de Guilherme Paraense nas conquistas que ambos tiveram nos torneios olímpicos de Antuérpia” (CONSIDERAÇÕES..., 1928, p. 8). A despeito de tantas diferenças sociais, os caminhos de ambos pareciam inextricáveis. O urbano e o suburbano numa proximidade que bem poderia ser considerada uma metáfora da complexidade do Rio de Janeiro com suas fraturas e conexões.

Mesmo que, nos anos 1930, não tenha se mantido tão ativo nas provas de tiro e na direção das agremiações e entidades suburbanas, suas duas facetas mais notáveis, Paraense nunca se afastou dessa vinculação esportiva. Constantemente, seu nome era lembrado para liderar iniciativas ou homenageado por seus serviços prestados. Foi uma expressão de uma cidade múltipla que não se resume à oposição urbano-suburbano, ainda que esse tenha sido um contraste importante na história do Rio de Janeiro.

Em 1941, Paraense encerrou sua carreira profissional. Estava prestes a completar 40 anos de Exército. Originário de uma família modesta, viu na força armada uma possibilidade de ascensão social. Não foi efetivamente um militar de grande destaque, a despeito de ter desempenhado importantes funções. Tornou-se um herói nacional por sua medalha olímpica. Morreu aos 83 anos, vítima de infarto, no dia 18 de abril de 1968.

Até o fim de sua vida, morou no subúrbio, mas forjou conexões entre as regiões da cidade que conhecia bem. Mais do que um atleta vitorioso, foi um líder cuja atuação era a expressão de uma cidade partida, sim, mas também múltipla e com possibilidades de inter-relação.



www.revistafenix.pro.br

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.
- ASSMANN, Alice Beatriz. **O associativismo esportivo em Santa Cruz do Sul/Rio Grande do Sul**: configurações de práticas culturais (da década de 1880 à década de 1910). Dissertação (Mestrado em Educação Física). Porto Alegre: UFRGS, 2015.
- CASTRO, Celso. **A invenção do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- FERNANDES, Nelson da Nobrega. **O rapto ideológico da categoria subúrbio**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- GUIMARAES, Roberta Sampaio; DAVIES, Frank Andrew. Alegorias e deslocamentos do “subúrbio carioca” nos estudos das Ciências Sociais (1970-2010). **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 457-482, ago. 2018.
- KOSIK, Karel. O indivíduo e a história. **Novos Rumos**, Marília, v. 25, n. 1, p. 1-16, 2014.
- GONZALES, Selma Lúcia de Moura. **A territorialidade militar no Brasil**: os Tiros de Guerra e a estratégia da presença. Tese (Doutorado em Geografia Humana). São Paulo: USP, 2008.
- HEROLD JUNIOR, Carlos; MELO, Victor Andrade de. Escotismo e esporte: propostas de educação do corpo no Rio de Janeiro dos anos 1910-1920. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, e230045, 2018.

MACIEL, Laura Antunes. Outras memórias nos subúrbios carioca: o direito ao passado. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nobrega (orgs.). **150 anos de subúrbio carioca**. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj/EdUFF, 2010. p. 187-218.

MELO, Victor Andrade de; SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. **Entre o rural e o urbano, entre o civil e o militar**: peculiaridades (esportivas) do bairro de Realengo/Rio de Janeiro (1902 –1940). *Revista Antíteses*, v. 13, n. 26, p. 361-389, 2020.

MELO, Victor Andrade de. Educação, civilização, entretenimento: o Tivoli – um parque de diversão no Rio de Janeiro do século XIX (1846-1848). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 20, e114, 2020.

MISIAK, Eliane. O retorno do indivíduo como objeto da história: reflexões à luz da teoria semiótica. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, v. 5, n. 9, p. 57-71, 2012.

MIYASAKA, Cristiane Regina. **Os trabalhadores e a cidade**: a experiência dos suburbanos cariocas (1890-1920). Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp 2016.

PINTO, Genivaldo Gonçalves. **Manifestações da cultura militar no espaço educacional brasileiro na primeira república**: o contexto de Pelotas-RS. Tese (Doutorado em Educação). Pelota: UFPel, 2015.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 7-16, dez. 2009.

SOUZA, Maria Zélia Maia de. **Educar o jovem para ser útil a si e a sua Pátria**: a assistência pela profissionalização, Rio de Janeiro (1894-1932). Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: UFMG, 2013.

VIANA, Claudius Gomes de Aragão. Realengo e a Escola Militar: um estudo sobre memória e patrimônio urbano. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 39-59, 2009.

VIANA, Nildo Silva. O papel do indivíduo na história. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 14, n. 21, p. 118-134, 2013.

FONTES

A GRANDE Assembleia Geral da Liga Suburbana. **O Imparcial**, 24 jan. 1921, p. 9.

A IMPONENTE sessão solene da Liga Suburbana. **Gazeta Suburbana**, 10 mai. 1919, p. 4.

A SEMANA. **O Paiz**, 8 ago. 1920, p. 3.

AS OLIMPÍADAS de Antuérpia. **O Jornal**, 30 jun. 1920, p. 2.

AMARAL, Luis; PINHEIRO, Sebastião. Guilherme Paraense: medalha de ouro, em Antuérpia, 1920. **O Jornal**, 14 dez. 1956, p. 6.

BALANCETE da Confederação Brasileira de Desportos. **O Paiz**, 2 mar. 1921, p. 7.

BRASIL nas Olimpíadas da Antuérpia, 4 jul. 1920, p. 7.

CARNAVAL. **O Paiz**, 8 fev. 1921, p. 5.

- COISAS do Cascadura. **A Época**, 22 nov. 1919, p. 7.
- CONCURSO nacional “Maiores brasileiros vivos”. **Fon-Fon**, 28 mar. 1925, p. 29.
- CONFEDERAÇÃO do Tiro Brasileiro. **A Época**, 26 dez. 1914, p. 1.
- CONSIDERAÇÕES sobre o tiro nacional. **A Noite**, 5 jan. 1928, p. 8.
- DIÁRIO CARIOCA, 9 jan. 1932, p. 6.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 24 abr. 1968, p. 11.
- DIVERSAS notícias. **Jornal do Comércio**, 27 set. 1926, p. 4.
- EM FAVOR do esporte do tiro. **O Imparcial**, 28 nov. 1920, p. 2.
- ESCOTISMO. **Jornal do Brasil**, 18 fev. 1938, p. 14.
- FESTA da Liga Gráfica. **Jornal do Brasil**, 2 fev. 1928, p. 12.
- FESTAS e bailes. **Jornal do Comércio**, 26 mar. 1912, p. 5.
- FUTEBOL. **O Imparcial**, 21 dez. 1920, p. 9.
- GENTE da rua. **A Época**, 25 jun. 1918, p. 1.
- INSTRUÇÃO militar. **O Paiz**, 9 nov. 1911a, p. 6.
- INSTRUÇÃO militar. **O Paiz**, 31 ago. 1911b, p. 5.
- INSTRUÇÃO militar. **O Paiz**, 29 nov. 1911c, p. 12.
- INSTRUÇÃO militar. **O Paiz**, 8 fev. 1912a, p. 6.
- INSTRUÇÃO militar. **O Paiz**, 11 abr. 1912b, p. 8.
- INSTRUÇÃO militar. **O Paiz**, 19 mai. 1914, p. 7.
- JORNAL DOS SPORTS, 2 mar. 1964, p. 8.
- LIGA Suburbana de Futebol. **O Paiz**, 19 jun. 1918a, p. 7.
- LIGA Suburbana de Futebol. **Correio da Manhã**, 25 jul. 1918b, p. 6.
- LIGA Suburbana de Futebol. **A Época**, 2 ago. 1919, p. 6.
- LIGA Gráfica de Esportes. **O Imparcial**, 7 ago. 1926, p. 9.
- MANIFESTO político. **A Federação**, 27 abr. 1907, p. 1.
- NO CLUBE Militar. **A Rua**, 12 jan. 1919, p. 3.
- NOMEAÇÕES na Polícia Militar. **O Jornal**, 5 out. 1924, p. 2.

- NOTAS militares. **A Província**, 24 jan. 1901, p. 2.
- NOTAS mundanas. **O Jornal**, 8 jun. 1920, p. 9.
- O BRASIL em Antuérpia. **O Paiz**, 30 set. 1920a, p. 9.
- O BRASIL em Anvers. **O Paiz**, 5 ago. 1920b, p. 6.
- O BRASIL e as Olimpíadas. **Correio da Manhã**, 5 ago. 1920c, p. 1.
- O BRASIL em Anvers. **O Paiz**, 31 out. 1920d, p. 8.
- O CAMPEÃO de tiro. **A Noite**, 8 set. 1929, p. 6.
- O JORNAL, 22 dez. 1956, p. 18.
- O NATAL dos tiros. **O Jornal**, 29 dez. 1919, p. 3.
- O NOME do Brasil, mais uma vez, sacrificado! **A Rua**, 9 mai. 1924, p. 1.
- O TENENTE Paraense foi proposto para a DGTG. **O Jornal**, 11 fev. 1921, p. 3.
- O RADICAL, 28 out. 1938, p. 4.
- OS ESCOTEIROS no desfile da mocidade. **Jornal do Brasil**, 16 set. 1938, p. 14.
- OS ESPORTES. **O Imparcial**, 21 jan. 1921, p. 2.
- OS NOVOS dirigentes da Liga Metropolitana. **O Imparcial**, 30 mar. 1927, p. 10.
- OS PRIMEIROS quadros de uma galeria de esportistas. **Mundo Esportivo**, 12 dez. 1947, p. 14.
- PARAENSE destituído da presidência da Liga Suburbana. **O Imparcial**, 22 jan. 1921, p. 8.
- REVOLVER CLUBE. **Jornal do Comércio**, 21 jun. 1914, p. 10.
- SPORT. **O Paiz**, 18 set. 1908, p. 7.
- TIRO ao alvo. **Jornal do Brasil**, 8 ago. 1912, p. 13.
- TIRO ao alvo. **Jornal do Comércio**, 4 abr. 1916, p. 6.
- TIRO. **O Imparcial**, 10 jul. 1917, p. 8.
- TODOS os esportes. **O Jornal**, 14 ago. 1920, p. 6.
- VIDA esportiva. **O Imparcial**, 4 dez. 1919, p. 7.

RECEBIDO EM: 06/01/2021
PARECER DADO EM: 12/04/2021